

- *A vida é bela, Jack.*
- *Que é que te leva a dizer uma coisa dessas?*
- *Apeteceu-me. Achei que era algo que devia ser dito.*
- *E agora que o disseste, sentes-te melhor?*

DON DELILLO

Mãe

— Disfarça-te, disfarça-te de pobre.

A mãe de Kopf descansou a sua mão de mãe no ombro do filho. Kopf queria as duas máscaras, ser turco ou ser negro norte-americano. Na primeira, enfiava um turbante dourado na cabeça. Na segunda, um chapéuzinho vermelho. Dois pobres de chapéu.

— Temos um disfarce de turco na alemanha e um de negro na américa — repetiu o lojista. — Qual deles?

— Qualquer um — disse a mãe, apressada.

— Turco ou negro? — insistiu o vendedor.

A mãe de Kopf acariciou a cabeça pequenina de Kopf, escorregando a sua carne de dedos pelo cabelo do menino.

— Vai por mim, Kopf, são todos iguais. Disfarça-te de pobre.

Eeva tinha horror aos bichos. Os insetos eram pessoas poderosas, apequenadas por milagres maiores que a literatura. Transformação ou metamorfose, um equívoco convertera-os em bichos.

— Mata, filha, mata o bicho — sussurrou-lhe o pai.

Eeva era pequenina e o pai de Eeva, sábio. Eeva dizia «o meu pai isto, o meu pai aquilo», era assim há anos, e «o reino do meu pai é o reino dos...», mas o pai de Eeva não tinha um reino, tinha um matadouro. Sábio e estimado, o pai Wiseman não temia bichos. Era picado por mosquitos todos os dias.

— Mas, pai, eu não gosto de matar.

Eeva seguia-lhes os olhos e os pezinhos, uma meia dúzia, e era tudo humano, a tocar os pelos da alcatifa.

— Então não matarás, minha filha. Não matarás. Mas mata por acidente.

— O que é matar por acidente, pai?

— É assim.

O pai disse, o pai fez. Mais um, menos um. A novidade de um pai a matar um inseto à frente da filha pequena. Um misto de apogeu e decadências. «Pai, pai, porque me abandon...?» Assim: paixão.

Tempo

Agora é aqui. Que idade tem Kopf, agora? Revejam a velha imagem de um jovem operário deambulando por berlim nos últimos anos dos anos vinte, no início do século vinte. Este Anders Kopf de agora é mais jovem que isso.

Vivi muito tempo naquele lugar. O lugar chamava-se casa de correção, mas nós chamávamos-lhe orfanato. Os miúdos eram despachados para ali depois de terem assassinado o pai ou a mãe, o que tornava o lugar interessante, mas solitário. As visitas eram raras, e raramente eram família. Entre as crianças, havia-as vindas para ser corrigidas, exemplarmente e para sempre. Ali, nenhum adulto acreditava em vinganças, mas muitos acreditavam em castigos, grandes e permanentes. Se matei os meus pais? A resposta, por ora, é não. É a resposta mais honesta, digamos, e a única que vos posso dar neste momento.

Da minha janela, manhã cedo, observava os pobres na rua com uma mistura infantil de fome e curiosidade. Aquela visão matutina da pobreza despertava-me absolutamente. Ficava alerta a detalhes mínimos, como o canto eficiente dos passarinhos miúdos na copa das árvores. Pobres falsos pobres da europa ocidental!, pensava. Era uma injustiça. Naquela idade e daquela janela, eu possuía uma ideia bastante ténue do que era a europa ocidental. Na verdade, embora nunca tenha desejado ser um pobre pobre, com o tempo comecei a imaginar-me um falso pobre.

Parte I

*À força de dizer «É assim! É assim!»
e de fitar lá em baixo o fosso escuro, ficamos calmos.*

JULIAN BARNES

Sobre um acordar

Agora é isto: um Kopf falso, africano e oriental, um pobre Kopf, de pé, as pernas fletidas numa plataforma acima da piscina e os braços estendidos sobre água baixa e o corpo a iniciar a descida. Trata-se de um batismo. Os sentidos de Kopf apequenavam-se para lhe aumentarem o tato. E agora? Dois saltos mortais seguidos de um batismo? Todos estavam nus e a diferença entre os de cima e os de baixo era a água. No interior de Kopf, a realidade, com caroços. Kopf tenta cuspir o real como frutos secos e a realidade então abranda, fica lenta, mas a eternidade não, ainda não. A pobreza de Kopf imita uma desgraça, é um acontecimento extravagante, a desgraça de se saber ser humano. Anders Kopf é o único público dos seus grandes atos, reconhecer-se-á a si mesmo pelo tato. Se isto fosse literatura, seria uma palavra; se fosse corpo, um sexo. Não é literatura. A água sua pela testa de Kopf, que é um coxo a largar as muletas, anunciando: «vejam: filósofo». Filosofar sem muletas. É igual a um milagre, mas dentro da cabeça. Kopf entra num ginásio, haverá saltos mortais, Kopf será Kopf, mas mais lento. «Morre já», ordenou, «chega de apanhar chuva.» Kopf entra na água nova sem nada de seu, à sua volta são só coisas.

A decisão de Kopf? Empobrecer. Substituir uma desgraça por uma decisão, um risco por um melhoramento. Empobrecer para melhorar, para escrever um romance. Adeus às poesias do eu. Compreender os limites diante de um espelho narcisista que mostra tudo, até sentimentos. Afastar a poesia, o eu desenfreado e dilatado. Romance é que é, porra para a poesia! Procurar a rima radical que é experimentar a pobreza e escrever sobre isso. Esconder um crime debaixo da capa de uma nova verdade. Fazer o crime desaparecer da memória, eliminar a lembrança do rosto criminoso. Durante um ano, esconder uma camisa debaixo da pele e vestir o anonimato dos nus. Calças, camisa, fome, frio, todas as trilógicas difíceis agarradas à fome, ao frio, à sede. Vestir o presente, mergulhar para desaparecer. Lavar as mãos na água escura do batismo, procurar o equilíbrio, o real a rodear-nos na sua imobilidade e o líquido abençoado a molhar-nos o cabelo. Que bom, este batismo! A água no peito e no pescoço. Este sossego que acalma, como uma decapitação.

A ideia de perdoar a todos, porque somos humanos, menos os políticos, porque são humanos. Todos os gigantes são gentis, a gente é que se apequena. A gravidade puxa-nos para baixo. E a câmara lenta, torna o salto mais ou menos mortal? Depende de quem olha, não de quem salta. Apequenemo-nos, então! O presente é um filho da mãe, pai desconhecido. Passado e futuro, é aí que vamos para descansar. O corpo agora está todo fora da anatomia, tão bem organizado como um bebê abençoado a arrastar a cabeça para fora da água, para respirar.

Uma pobreza transversal, sossegada e simples.

Agora Kopf é um adulto genérico, europeu, africano e oriental, sem máscara. Pobre Kopf.

Sempre imaginei as crianças do orfanato como um povo nómada a preparar uma viagem ao futuro. A meio da peregrinação, o povo desistia e voltava ao acampamento-base, pueril e entediado. Eu era o estranho à espera no sopé da montanha, incapaz de reconhecer o meu próprio corpo que, no entanto, estava lá. Aguardava instruções? Alguém viria do local combinado para me dizer como me tornar artista ou adoecer. Eu era imaturo, mas as crianças preferiam olhar-me como criminoso. «Pareces uma obra de arte», avisavam-me, «um monstro com olhos.» As crianças, já se sabe, são o futuro.

Dois dos meninos riscavam o chão do quarto com giz branco, no ponto onde se ajoelhavam para rezar no escuro. Por teimosia, eu recusava ajoelhar-me. Acocorava-me e movia os pés sobre o giz, até aquele branco desaparecer religiosamente. Não me recordo se rezava. Ri-se facilmente dos crédulos que rezam de joelhos, mas que coisas grandes esperamos dos incrédulos que não rezam nem de cócoras?

Chamávamos-lhe «orfanato», entre aspas. As aspas consolavam-nos. «Casa dos rapazes» também era mau, mas não era a mesma coisa.

Chiaroscuro

Kopf ambicionava por um desaparecimento. Pés no chão, palavras na cabeça, a cidade a pairar-lhe suspensa e inteira no frio, avançou em direção aos outros pobres. Olhou-os um a um, como personagens.

— Vocês são os pobres do mundo?

— Não, nós somos os pobres daqui.

Uma fogueira afastava o frio, os pobres como meninos à volta da fogueira. Queimavam-se livros. A imitação da miséria foi instantânea: Kopf era um monstro a testemunhar a sua transformação privativa, empobrecia no frio próximo da fogueira de livros, elevando perigosamente a temperatura do planeta. Uma atitude nova aumentava-lhe a invisibilidade e a liberdade. Livre, Kopf era livre, era algo novo, e logo livre! Algumas horas antes, adolescentes de uniforme tinham dedicado a noite inteira a livros, a queimar livros. O grupo fizera uma festa de fogo para escolher o que ler e não ler, e os pobres, agora, usavam o fim das chamas para afastar o frio. Houve odes, houve hinos, fahrenheit's a quatrocentos e tal e, já se sabe, onde se queimam livros acaba-se a queimar... Não,

não nos apressemos. Um incêndio invoca facilmente os piores abusos da história universal.

Anders Kopf estava próximo da chama. O fogo e a cinza, essas duas audazes palavras europeias ardiam-lhe no interior e à volta de Kopf era tudo prático, o calor imitava a sombra de um vulcão. Em menos de dois minutos, Kopf reclamou para si o lado lógico da miséria: frio e calor, fome e alimento. A liberdade de Kopf era inteira e clara, como um dia novo, inteiro e claro. Soavam-lhe por ali contos germânicos ou, pelo menos, europeus. «Espalha migalhinhas para encontrares o caminho de regresso.» Um menino e uma menina abraçavam-se a árvores altas, polvilhando de migalhas brancas uma floresta negra, e o pão no chão era tão abundante quanto os passarinhos. Ao longe, uma casinha de chocolate. A porta abre-se e fecha-se, revelando ao fundo uma velha que cozinha. No fim, o menino e a menina salvam-se graças às migalhinhas europeias. Não é antiga, esta história? Kopf tinha fome. Estivesse perdido na floresta, e não hesitaria em alimentar-se de migalhas de pão, qual passarinho. E o caminho de volta? Se comes tudo, Kopf, como descobres o caminho de volta?

Por aquela altura, os meus pais descobriram que eu sofria de prisão de ventre. Uma espécie de preguiça, explicou-nos o médico de família. Mostrou-me um desenho do aparelho digestivo, em escala reduzida, que confirmou o pior pesadelo infantil sobre desenhos infantis. Eu nunca imaginara que era assim por dentro, a possibilidade sequer de tantos intestinos no interior de mim. Mais tarde, em casa, brinquei com as ideias gémeas de preguiça dos intestinos e preguiça do coração.

Passei imenso tempo na casa de banho, a brincar com as ideias. A preguiça dos intestinos era física, escatológica, e a preguiça do coração, um desperdício bastante espiritual. Lembro-me muito bem da palavra espiritual. Desde esse dia suspeitei que as coisas escatológicas iam preencher parte da minha vida, e a palavra escatológico aterrorizou-me antes de ter plena consciência do seu precioso significado.

O sol erguia-se, ou parecia erguer-se. Não no céu, erguia-se abaixo do céu, acima da linha do horizonte. Era o sinal enganador daquilo a que metaforicamente chamamos a renovação da vida. Um anúncio, um aviso, o descer do dia. Kopf pôs as mãos atrás das costas e olhou o céu. Estranhamente, pensava nos pés. Estavam perfeitamente alinhados sem que tivesse dado por isso. *Ai, eu grito!*, pensou. Mas não gritou.

Decidira-se pelos pobres e a vida recomeçava-o de fora para dentro, primeiro a roupa, depois a carne, antes da carne a pele. A carne chega no fim, mas sempre chega. Kopf queria ser tão pobre quanto possível, mas não mais. A sua fome seria sincera, a sua solidão bem-feita, o seu frio fiel, tudo embrulhado como presentes de aniversário, para empobrecer. Ser ou não ser Kopf. *Eu, por exemplo, já não sou*, pensou Kopf. À medida que empobrecia, o velho Kopf imitava um inglês clássico, que desaparecia no chão como água na chuva. O escatológico entrava-lhe pela pele e pelos buracos do nariz. Kopf comia frio e fome, respirava fumo, examinava o fogo chão com o oportunismo dos esfomeados. O presente chegara para ficar e, a partir daquele instante, o eterno estaria com Kopf para sempre,

como as migalhinhas dos segundos. Um dia, um homem é uma criança disfarçada de pobre e, no dia seguinte, tem a máscara de carnaval colada à carne da cara e entende todos os necessitados da Alemanha e da América do Norte.

Quem sou eu?, pensou Kopf, um quem, dois quens?

Não se nasce pai, nasce-se filho, não se nasce pobre, etcetera... A paternidade e a pobreza são excessivas e humanas. Kopf é um filho inventado, um pobre Kopf. Quem, quenzinho, quenzão.

No orfanato não havia guardas, havia mulheres. O diretor era um médico psiquiatra a quem chamavam «o único homem nas instalações». Naquele tempo, ser o único homem dava a qualquer um uma certa aparência de autoridade.

Anos antes, lembro-me bem, ajoelhei-me no quarto para apalpar as roupas dos meus pais, à procura de uma descoberta negativa. Tentava, pelo tato, provar que ainda me amavam. Ajoelhado em frente às gavetas abertas, experimentava ao acaso uma grande quantidade de peças de roupa e, vestido ora de pai, ora de mãe, esperando que o cheiro a lavado me dissesse algo sobre os melhores sentimentos dos adultos. Acreditava piamente que um vestígio escondido apareceria, descido do teto, para me explicar coisas entrando-me pelos dedos e pelas narinas. Fazia tudo em silêncio, era criança e tinha medo. Sem saber, praticava striptease ao contrário e, no fim, estava vestido com roupa a mais e sentia-me gordo. O meu striptease não me divertia. Reunia diferentes camadas de cheiro a limpo sobre o meu corpo ajoelhado. Não esqueço a muita roupa que vesti nessa posição desconfortável. Foi a dor que senti nos joelhos feridos, como quem rezou demais, que me induziu em erro e me ofereceu o estranho conforto que confunde dor e amor.

Se os meus pais me amavam? Se tinham sentimentos? Nem por isso, mas eu acreditei e a partir desse dia esperei o impossível e desde esse dia procuro, procuro...